

Educação. Importante para internacionalizar ensino superior, ingresso de alunos de fora ainda é baixo; USP se destaca, com 3,4% dos estudantes do exterior. Baixa oferta de disciplinas em inglês e ausência de política mais ampla para o assunto são obstáculos

Universidades federais têm menos de 1% de intercambistas estrangeiros

Lutz Fernando Toledo
Júlia Marques

Aluno de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Leonardo Pontes, de 20 anos, ainda não fez um intercâmbio, mas estuda ao lado de um estudante da Turquia e de outro do Benim. “Na minha área, um aluno de fora é um prato cheio para conversar sobre relações políticas e econômicas, principalmente quando é um país que não está no centro das notícias.”

Aposta para tornar o ambiente acadêmico mais internacionalizado, a entrada de estudantes de fora do País em universidades públicas ainda é pequena. O número de estrangeiros em instituições federais do País representa menos de 1% da quantidade total de alunos nas universidades. É o que aponta levantamento feito pelo Estado com base em questionários enviados às instituições por meio da Lei de Acesso à Informação.

O Estado reuniu dados de 22 das 63 universidades federais, de todas as regiões do País, sobre alunos que vieram estudar por meio de algum programa ou parceria. Também questionou as paulistas Universidade de São Paulo (USP), Estadual de Campinas (Unicamp) e Estadual Paulista (Unesp) – que não respondeu ao pedido.

A USP é a que mais consegue trazer estudantes – 3,4% dos alunos eram intercambistas, na graduação ou na pós, em 2016. Especialistas avaliam que, em uma universidade de grande porte, o ideal é que essa taxa fique entre 3% e 5%. O grau de internacionalização é um dos principais critérios em rankings de avaliação do ensino superior, como o da revista britânica *Times Higher Education*.

Um dos motivos que tornam o País pouco atrativo é a baixa oferta de disciplinas em inglês. “Embora seja a sexta língua



Brasil e África. Leonardo Pontes e Sotie Ghislain trocam experiências em curso de Relações Internacionais da Unifesp

mais falada no mundo, dificilmente um estudante de Europa, Estados Unidos ou Ásia fala português. E se vier ao Brasil, o primeiro requisito é o idioma. A única alternativa é oferecer disciplinas em inglês”, defende o professor da Unesp José Celso Freire Júnior, que preside a Associação Brasileira de Educação Internacional (Faubai).

Como a maioria dos estudantes brasileiros não terá a oportunidade de uma experiência fora do País, a vinda de estrangeiros é vista como uma forma de trazer o ambiente internacional para a própria casa. Nos últimos anos, programas de envio de universitários para o exterior perderam força ou acabaram, como o Ciência sem Fronteiras,

● **Troca**
“Quando vem uma pessoa de outro país, ela traz uma bagagem e desperta interesse, seja no nível de amizade ou de produzir trabalhos acadêmicos, artigos científicos.”

Leonardo Pontes
ALUNO DA UNIFESP

encerrado em 2016. “Os alunos amadurecem mais quando expostos à diversidade cultural e linguística. Paradoxalmente, isso fortalece a própria identidade”, afirma Mariano Francisco Laplane, diretor de Relações Institucionais da Unicamp.

Fluente em francês, o aluno

Sotie Ghislain, de 24 anos, natural do Benim, teve de fazer um curso de Português na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e passar por teste de proficiência no idioma antes de começar a estudar na Unifesp. “A língua portuguesa não é fácil. Quando cheguei aqui, nem sabia dizer ‘bom dia’ em português e era complicado achar alguém que falasse francês”, conta o jovem, colega de Pontes no curso de Relações Internacionais da Unifesp.

Em nota, a Unifesp admite desafios para tornar a instituição mais internacional, como a oferta de português para estrangeiros, de disciplinas em língua estrangeira e de infraestrutura de acolhimento para os

que vêm de fora. Contra esses problemas, a reitoria pretende mapear o perfil da internacionalização na Unifesp e fortalecer a participação em redes de cooperação estrangeiras.

Política. Não há no País uma política única de internacionalização com metas para ampliar o número de intercambistas. O que existem são iniciativas do governo federal para atrair es-



NA WEB

Blog. Leia mais sobre intercâmbio no exterior.

estado.com.br/e/blogdatissen

MEC quer ampliar programas de internacionalização

● O Ministério da Educação (MEC) ressaltou, em nota, que deve ampliar o número de países e universidades participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. Segundo a pasta, a existência de programas como o Idioma sem Fronteiras, que capacita alunos e professores em língua estrangeira, é outra estratégia para expandir a internacionalização. Os dez países com mais estudantes encontrados no Brasil são Colômbia, Peru, Argentina, Angola, México, Alemanha, Espanha, Portugal, Bolívia e Chile.

Já a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão vinculado ao MEC, aposta em um programa recém-lançado para a pós, o Print. A ação prevê “fomentar o desenvolvimento de planos estratégicos de internacionalização”, além de incentivar redes internacionais integradas por instituições brasileiras. / L.F.T.

trangeiros, como o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação e Pós Graduação. Os números dessas ações ficaram estagnados na graduação – o total de participantes foi de 491 no ano passado, ante 523 em 2015. Já na pós houve queda – de 168 participantes, em 2013, para 26 no ano passado.

Estudo publicado no ano passado pelo IIE Center for Academic Mobility Research and Impact, com apoio da Faubai, mostrou que 47% das universidades apontaram falta de recursos para tomar iniciativas de ampliar suas ações de internacionalização. O levantamento considerou um universo de 158 instituições brasileiras, públicas e particulares.